



DESENVOLVIMENTO ADAPTATIVO EM JOVENS PORTUGUESES: SERÁ SIGNIFICATIVA A RELAÇÃO COM OS PAIS?

Teresa Sousa Machado & António Castro Fonseca

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra

RESUMO

Sob a influência crescente da psicologia positiva, verifica-se hoje um maior interesse pela compreensão de *factores de protecção* no desenvolvimento e sua relevância para os comportamentos adaptativos. Neste trabalho exploramos relações entre *variáveis familiares* e *competências de adaptação* de cerca de 400 jovens entre 17-18 anos. As variáveis familiares de *supervisão parental* e *o ambiente familiar* foram avaliados por questionários de auto-avaliação construídos para o estudo; a *vinculação aos pais* recorrendo ao IPPA (Armsden & Greenberg, 1987). Os comportamentos adaptativos são operacionalizados pelos itens da subescala de *competência do YSR* (Achenbach, 1991). A satisfação com a vida pela SWLS (Diener et al., 1985). Os dados sugerem relações significativas entre algumas das *variáveis familiares* (e.g. *ambiente familiar*, *vinculação* e designadamente as suas dimensões de *comunicação* e *alienação*) e as medidas de *indicadores de competência* dos jovens. Os padrões de relação entre essas variáveis não são sempre os mesmos para os rapazes e as raparigas.

Palavras-Chave: Vinculação-pais, Adolescentes, Indicadores competência, Satisfação com a vida

INTRODUÇÃO

A ênfase na interpretação da adolescência enquanto um período problemático, por excelência, deixou de ser a perspectiva dominante na investigação. Sendo a adolescência um período de novas oportunidades de exploração (facultadas pela complexificação das operações cognitivas e maior autonomia), o estudo dos mecanismos que favorecem respostas adaptativas e maior competência nos adolescentes tem vindo a impor-se (Arnett, 2000; van Dulmen & Ong, 2006). A crescente influência da psicologia positiva – salientando que “o positivo não é apenas a ausência do negativo” (Duckworth, Steen, & Seligman, 2004) – coloca a ênfase no estudo das condições que favorecem o desenvolvimento da competência e/ou traços positivos. A questão central é saber quais as características (distintivas) dos jovens que prosseguem o desenvolvimento sem problemas relevantes, i.e. conseguindo enfrentar e resolver as tarefas desenvolvimentais deste período e eventuais adversidades com que se defrontam.



DESENVOLVIMENTO ADAPTATIVO EM JOVENS PORTUGUESES: SERÁ SIGNIFICATIVA A RELAÇÃO COM OS PAIS?

Os indicadores de competência têm um carácter desenvolvimental, podendo considerar-se como significativos, na fase final da adolescência, a auto-eficácia, o sucesso académico, o bem-estar subjectivo, as relações românticas, entre outros (Arnett, 2000; Braconnier, 2003; Dias & Fontaine, 2001). Em termos sintéticos, podemos dizer que a capacidade para funcionar com uma maior autonomia social, cognitiva e emocional, relativamente aos pais, consiste na tarefa fundamental do desenvolvimento ao longo da adolescência (Allen & Land, 1999). Mas, como refere Bowlby (1956), a construção da independência pressupõe a anterior dependência, traduzindo-se esta numa relação de apoio, contenção e “responsividade” da parte dos cuidadores significativos; ou seja, na possibilidade de construir uma vinculação segura.

A teoria da vinculação propõe um modelo explicativo da construção da representação de si próprio (i.e. do self), dos outros e das relações. Partindo das hipóteses de Bowlby (1988), confirmadas e expandidas nas suas implicações ao longo da vida por diversos investigadores (e.g. Ainsworth, 1989; Bretherton, 2005), a teoria continua a servir de base para a análise da influência da qualidade das relações com os pais (i.e. figuras de vinculação), enquanto variável de protecção, ou de risco, no desenvolvimento. A premissa fundamental é de que a sensibilidade, disponibilidade e responsividade das figuras significativas influem na construção de um sentimento de valor próprio e confiança nos outros; ou, pelo contrário, sentimentos de rejeição, desvalorização ou indiferença (de si e outros na relação), caso tais características dos cuidadores estejam ausentes. Estudos recentes têm, de facto, reforçado a ideia do papel protector da vinculação segura ao longo do desenvolvimento, ao mostrar que os adolescentes mais adaptados são os que recorrem (i.e. o podem fazer) aos pais em momentos de dificuldade (e.g. Dias & Fontaine, 2001; Doyle, Moretti, Brendgen & Bukowski, 2003; Laible, 2007; Larose, Bernier & Tarabulsky, 2005); e que tal se continua a verificar no caso dos sujeitos mais velhos. Com efeito, embora muitos, talvez a maioria, dos adolescentes enfrentem sem problemas as tarefas de desenvolvimento típicas deste período – e.g. a ameaça/vivência da autonomia, construção de novas relações próximas/românticas e alterações na imagem corporais – e também não apresentem problemas de maior nas relações com os pais (Love & Murdock, 2004), outros há que têm menos recursos psicológicos para enfrentar os desafios deste período e/ou a transição para o início da idade adulta (e.g. ingresso na Universidade ou no mundo do trabalho) (Kenny, 1994; Mattanah, Hancock & Brand, 2004). Há vários estudos que indicam como os padrões inseguros (implicando menores recursos psicológicos) se correlacionam com problemas de desenvolvimento (interiorizados ou exteriorizados) ao longo da adolescência (cf. Cicchetti, & Rogosch, 2002; Machado, Fonseca, & Queiroz, 2008).

A qualidade da vinculação não é a única variável que, nas relações parentais, influí no desenvolvimento dos adolescentes. Embora associadas entre si, pode-se particularizar a supervisão parental e o ambiente familiar. A supervisão parental tem-se destacado, em algumas investigações, como tendo correlações significativas com a redução de comportamentos desviantes (Claes & Lacourse, 2001); embora, quando ressentida como controlo excessivo apresente correlações com a perturbações de ansiedade (Hale, Engels & Meeus, 2006). Neste estudo, que envolveu uma grande amostra (1106 sujeitos entre os 12-19 anos), a percepção de atitudes interpessoais parentais negativas (i.e. vinculação, nas dimensões de alienação) tem um efeito mais significativo nos scores distúrbios globais de ansiedade do que a percepção de comportamentos parentais negativos (e.g. sobreprotecção). A influência negativa da representação de alienação destaca-se, apresentando valores mais significativos para as raparigas mais velhas. Ou seja, embora as variáveis da vinculação aos pais sejam influentes, tanto para raparigas como raparigas, ao longo da adolescência, o seu efeito pode variar ser consoante a idade e género, pelo que se justificam estudos com amostras diversas.

O objectivo deste estudo consiste em analisar as relações entre a qualidade da percepção que os adolescentes (de 17-18 anos) fazem de variáveis familiares – i.e. ambiente familiar, supervisão parental e vinculação aos pais – e a sua avaliação de competência e satisfação com a vida. Coloca-se a hipótese de que uma percepção mais positiva das variáveis familiares analisadas corresponda a uma melhor percepção de si próprio e maior satisfação com a vida.



NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES. CALIDAD DE VIDA Y SOCIEDAD ACTUAL

METODOLOGIA

Sujeitos

Participaram neste estudo cerca de 400 sujeitos, estudantes de escolas públicas do concelho de Coimbra. Os dados apresentados correspondem à 4^a avaliação de um estudo longitudinal mais vasto, que tinha como objectivo examinar o desenvolvimento do comportamento ao longo da adolescência. Os participantes, que nessa altura tinham, em média, 17-18 anos, preencheram os questionários numa sala da escola, com a presença de um investigador, após se ter obtido as devidas autorizações. Note-se que um dos instrumentos – Satisfação Com a Vida – só foi administrado a uma parte da amostra (n=218).

Instrumentos

Vinculação – A qualidade da vinculação aos pais foi avaliada através da versão portuguesa do *Inventory of Parent and Peer Attachment* (Machado & Oliveira, 2007; versão original de Armsden & Greenberg, 1987). O IPPA é um questionário de auto-avaliação (com 28 itens) que aborda as representações de dimensões como a *confiança, comunicação e alienação* que o adolescente sente relativamente a figuras significativas, neste caso os pais. O sujeito responde de acordo com uma escala de Likert com 5 níveis (desde “Nunca verdade” até “Sempre verdade”), devendo ter em mente a figura mais significativa.

Supervisão parental e ambiente familiar – Estas variáveis familiares foram operacionalizadas através da inclusão de uma série de questões acopladas ao IPPA, de forma a que traduzissem, no mesmo formato (escala de Likert com 5 níveis), a percepção que o adolescente teria relativamente quer à supervisão (e.g. “Os meus pais impõem-me regras muito difíceis”, “Os meus pais descobrem sempre quando eu faço alguma asneira”); quer ao ambiente familiar (e.g. “Durante a infância a minha vida em casa foi geralmente feliz”, “Tenho muito poucos desentendimentos ou discussões com as pessoas da minha família”).

Componentes de competência – A percepção de competência pessoal, ou avaliação positiva de si mesmo foi medida pelos itens “positivos” do Youth Self Report (Achenbach, 1991). Trata-se de afirmações como “Gosto de ajudar os outros quando eles precisam”, ou “Sou muito honesto” (numa escala de Likert com 3 níveis); itens que estão intercalados (para atenuar enviesamentos) com os restantes itens de psicopatologia desse mesmo questionário.

Escala de Satisfação com a Vida – A satisfação com a vida foi avaliada pela versão portuguesa da *Satisfaction With Life Scale* (Simões, 1992; versão original de Diener et al., 1985). A SWLS – considerada como sendo das mais utilizadas medidas de bem-estar (Duckworth, Steen, & Seligman, 2005) é também um instrumento de auto-avaliação, composto por cinco itens, para os quais se oferecem cinco alternativas (em vez das sete da versão original) de resposta (desde discordo muito a concordo muito). Os resultados oscilam assim entre um mínimo de 5 e um máximo de 25, indicando maior satisfação com a vida os scores mais elevados.

Todos estes instrumentos tinham sido anteriormente objecto de estudos de adaptação e estandardização na população portuguesa.

RESULTADOS

Para analisar a relação entre a representação da vinculação aos pais, percepção do ambiente familiar e supervisão parental e os sentimentos de competência própria e satisfação com a vida, fizeram-se análises de correlação entre essas medidas, utilizando-se inicialmente toda a amostra e, num segundo tempo, os rapazes e raparigas separadamente.

**DESENVOLVIMENTO ADAPTATIVO EM JOVENS PORTUGUESES: SERÁ SIGNIFICATIVA A RELAÇÃO COM OS PAIS?****Quadro 1. Correlações entre variáveis familiares, índices de competência (YSR) e satisfação com a vida (SWLS) – amostra total.**

	Supervisão parental	Ambiente familiar	Comunicação (IPPA)	Confiança (IPPA)	Alienação (IPPA)	Score global de Vinculação
YSR positivo (N = 405)	n.s.	.190***	.257***	.158***	-.116**	.164***
SWLS (N=218)	-.153**	.354***	.387***	.133**	-.368***	.132**

*** $p < .001$; ** $p \leq .05$

YSR = Youth Self Report; SWLS = Satisfaction With Life Scale

Como se pode ver no quadro 1, os valores das correlações variam em função das dimensões da vinculação consideradas, mas são geralmente significativas. Assim, a percepção da qualidade do ambiente familiar, bem como as subescalas de vinculação, correlacionam-se significativamente com as variáveis individuais consideradas. Ou seja, os adolescentes que percepção melhor ambiente familiar e que têm uma vinculação mais segura aos pais reportam maior satisfação com a vida e mais sentimentos de competência pessoal. Note-se que no caso da subescala de alienação e supervisão essa correlação é negativa, como seria de esperar. As correlações da vinculação são mais fortes com o bem-estar subjetivo.

Nos quadros 2 e 3 apresentam-se os dados separados relativamente aos rapazes e raparigas.

Quadro 2. Correlações entre variáveis familiares e índices de competência (YSR) e satisfação com a vida (SWLS) – rapazes.

	Supervisão parental	Ambiente familiar	Comunicação (IPPA)	Confiança (IPPA)	Alienação (IPPA)	Score global de Vinculação
YSR positivo (N = 216)	n.s.	.272***	.302***	.181**	-.116*	.198**
SWLS (N=137)	-.216**	.408***	.409***	n.s.	-.402***	n.s.

*** $p < .001$; ** $p < .05$; * $p < .10$

De acordo com os dados aí apresentados verifica-se que no grupo dos rapazes as correlações são ainda mais fortes, com exceção para a correlação entre supervisão parental e percepção de competência (YSR); mas correlaciona-se negativamente com a satisfação com a vida. Em compensação, os rapazes que percepção de modo mais positivo o seu ambiente familiar são os que apresentam maiores índices em ambas as variáveis individuais (i.e. índices de competência e satisfação com a vida). Quanto às dimensões da vinculação, a comunicação apresenta valores mais significativos nas relações com as variáveis individuais e a alienação (i.e. sentimento de isolamento relativamente às figuras) correlaciona-se negativa e significativamente com os índices de competência e, particularmente, com a satisfação com a vida.

Quadro 3. Correlações entre variáveis familiares e índices de competência (YSR) e satisfação com a vida (SWLS) – raparigas.

	Supervisão parental	Ambiente familiar	Comunicação (IPPA)	Confiança (IPPA)	Alienação (IPPA)	Score global de Vinculação
YSR positivo (N = 189)	n.s.	n.s.	.187**	n.s.	-.146**	n.s.
SWLS (N=81)	n.s.	.291**	.389***	n.s.	-.291**	.206*

*** $p < .001$; ** $p < .05$; * $p < .10$



NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES. CALIDAD DE VIDA Y SOCIEDAD ACTUAL

Por sua vez, no grupo das raparigas, não há correlações significativas entre a percepção da supervisão parental e os índices de competência e satisfação com a vida. A percepção da qualidade do ambiente familiar correlaciona-se significativamente com os índices de satisfação com a vida, mas não com os índices de competência. Quanto às dimensões da vinculação, destacam-se a comunicação e alienação com correlações significativas com ambas as variáveis (índices de competência e satisfação com a vida); ou seja, quanto mais isoladas relativamente aos pais se sentirem, menor satisfação com a vida e menor percepção de competência pessoal referem. O índice global da vinculação apenas se correlaciona de modo significativo com a satisfação com a vida.

DISCUSSÃO

O objectivo deste estudo era analisar as relações entre diversos aspectos da percepção da qualidade da vinculação aos pais, supervisão parental, ambiente familiar e a percepção positiva de si próprio bem como a satisfação com a vida no final da adolescência. Em termos globais os dados suportam a ideia de que a qualidade das relações familiares, como são percebidas pelos adolescentes, nomeadamente a qualidade do ambiente familiar e a qualidade da vinculação aos pais, é (ainda) significativa para o bem-estar e a percepção positiva de si próprio nos adolescentes mais velhos. Reforça-se a ideia de que a qualidade da relação com os pais – nomeadamente no que se refere à vinculação – continua a ser significativa para o desenvolvimento social e afectivo, para além do início da adolescência (Armsden & Greenberg, 1987; Dias & Fontaine, 2001; Laible 2007; Kenny, 1994; Machado, 2007). Relativamente à vinculação, destacam-se as dimensões comunicação e (em sentido negativo) a alienação, como significativas para o desenvolvimento destes adolescentes. Os sujeitos com índices mais elevados na percepção da comunicação com os pais e menores índices de sentimento de isolamento relativamente a estes são os que referem maior satisfação com a vida e apresentam scores mais elevados na percepção positiva do seu comportamento. Estes dados são consistentes com anteriores análises que sugerem, nesta mesma amostra, que os sujeitos com maiores índices de alienação e mais baixos na comunicação são, também, os que referem mais problemas de comportamento (e.g. depressão, ansiedade manifesta, isolamento) (Machado, Fonseca & Queiroz, 2007). Outros estudos têm também mostrado o efeito negativo da (elevada) percepção de alienação (no IPPA) no desenvolvimento de problemas de comportamento ou sentimentos generalizados de ansiedade (e.g. Armsden & Greenberg, 1987; Hale et al., 2006) – reforçando as teses iniciais de Bowlby (1973) acerca do efeito da vinculação insegura no desenvolvimento da ansiedade. Pelo contrário, a vinculação segura (neste caso traduzida em mais elevados índices de comunicação e confiança e reduzidos na alienação) tem-se correlacionado com a satisfação com a vida e/ou sentimentos de bem-estar subjectivo (Armsden & Greenberg, 1987; Laible, 2007). Em termos gerais podemos dizer que as relações entre as dimensões da vinculação, percepção positiva de si próprio e satisfação com a vida não são equivalentes para os rapazes e raparigas da nossa amostra (não surgindo qualquer relação significativa para a dimensão confiança para as raparigas) – o que sugere o carácter específico que – em cada caso – a variável global (vinculação) pode assumir no desenvolvimento do sujeito.

As análises de correlação sugerem que a supervisão parental não é significativa para a percepção positiva de si próprio, ou satisfação com a vida; pelo contrário, para os rapazes, uma percepção de elevado controlo parental surge associada a menores índices de satisfação com a vida. A ausência de correlações significativas entre estas variáveis, para as raparigas, pode também dever-se ao facto de, em Portugal, a supervisão parental para com as raparigas (até mais tarde, ou, eventualmente, mais elevada) ser aceite sem tumultos de maior – hipótese que não foi explorada neste estudo.

Dada a natureza correlacional deste estudo, a direcção dos efeitos das relações não permite uma interpretação causal. É plausível que as relações entre vinculação e ambiente familiar a as variáveis indi-



DESENVOLVIMENTO ADAPTATIVO EM JOVENS PORTUGUESES: SERÁ SIGNIFICATIVA A RELAÇÃO COM OS PAIS?

viduais analisadas sejam bidirecionais; um bom ambiente familiar e vinculação segura contribuem para a construção de uma percepção positiva de si mesmo e de satisfação com a vida, por seu turno, o adolescente que se percepciona como competente e satisfeito com a vida tem maior probabilidade de desenvolver e manter relações seguras. Derivando os nossos dados apenas de medidas de auto-avaliação, seriam necessários estudos complementares (e.g. recurso a relatos de outros), nomeadamente na variável que se refere aos índices de competências. Quanto à satisfação com a vida, as medidas de auto-avaliação são tidas como adequadas (salvo para amostras clínicas que deverão ser complementadas com informação de terceiros), dada a condição privilegiada do próprio para avaliar a sua própria experiência de bem-estar (Duckworth, Steen, & Seligman, 2005). O mesmo se poderá dizer relativamente à percepção da qualidade da vinculação aos pais, já que se pressupõe, precisamente, avaliar a representação que o sujeito constrói da relação; sendo, segundo a teoria da vinculação, essa mesma representação que influi no seu comportamento ao longo da vida (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1956; 1988).

ABSTRACT

Under the growing influence of positive psychology, there is greater interest in understanding which factors protect the development and its relevance to the adaptive behavior. This study analyzed the relationships between family variables and positive perception of the self, and satisfaction with life, in about 400 adolescents (mean-age 17-18 years). Family supervision and quality of family environment were assessed by self-report measures constructed for the study; attachment to parents by IPPA (Armsden & Greenberg, 1987). Positive self-evaluation was assessed by items of YSR competence subscale (Achenbach, 1991), and satisfaction with life by the SWLS (Diener et al., 1985). The data suggest significant positive relationships between the perception of family environment quality, some attachment dimensions and positive self-evaluation and satisfaction with life. Patterns of these correlations are not the same for boys and girls.

Key-Words: Attachment to parents; Adolescents; Positive self-evaluation; Satisfaction with life.

BIBLIOGRAFIA

- Achenbach, T. M. (1991). *Manual for the Youth Self-Report and 1991 Profile*. Burlington: University of Vermont.
- Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44 (3), 709-716.
- Allen, J. P., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P. R. Shaver, (Eds), *Handbook of attachment. Theory, research, and clinical applications* (pp. 319-335). New York: Guilford Press.
- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16(5), 427-453.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood. A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55 (5), 469-480.
- Bowlby, J. (1956). The growth of independence in the young child. *Royal Society of Health Journal*, 76, 587-591. (consultado em 7.03.09) www.psychology.sunysb.edu/attachment/online/independence.pdf.
- Bowlby, J. (1973/1998). *Vinculação e perda - volume 2, Separação – angústia e raiva*. São Paulo: Martins Fontes.



NECESIDADES EDUCATIVAS ESPECIALES. CALIDAD DE VIDA Y SOCIEDAD ACTUAL

- Bowlby, J. (1988). *A secure base. Clinical applications of attachment theory*. Londres: Routledge.
- Braconnier, A. (2003). *O guia da adolescência. À procura da identidade*, vol. II, Lisboa: Prefácio (obra original publicada em 1999, PUF).
- Bretherton, I. (2005). In pursuit of the internal working model construct and its relevance to attachment relationships. In K. E. Grossmann, K. Grossman, & E. Waters (Eds.). *Attachment from infancy to adulthood. The major longitudinal studies* (pp. 13-47). New York: Guilford Press.
- Cicchetti, D., & Rogosch, F. A. (2002). A developmental psychopathology perspective on adolescence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 70 (1), 6-20.
- Claes, M. & Lacourse, E. (2001). Pratiques parentales et comportements déviants à l'adolescence. *Enfance*, 4, 379-399.
- Dias, M. G. F., & Fontaine, A. M. (2001). *Tarefas desenvolvimentais e bem-estar de jovens universitários*. col. "Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas", Lisboa: FCG-FCT.
- Doyle, A. B., Moretti, M. M., Brendgen, M., & Bukowski, W. (2004). Relations parents-enfants et adaptation pendant l'adolescence: Constatations tirées du troisième cycle de l'enquête HBSC et du deuxième cycle de l'ELNEJ. Rapport technique présenté à la Division de l'enfance et de l'adolescence, Agence de santé publique du Canada. *Accueil Publications*.
- Duckworth, A. L., Steen, T. A., & Seligman, M. E. P. (2005). Positive psychology in clinical practice. *Annual Review of Clinical Psychology*, 1, 629-651.
- Hale, W. W. III., Engels, R., & Meeus, W. (2006). Adolescent's perceptions of parenting behaviours and its relationship to adolescent Generalized Anxiety Disorder symptoms. *Journal of Adolescence*, 29, 407-417.
- Kenny, M. E. (1994). Quality and correlates of parental attachment among late adolescents. *Journal of Counseling and Development*, 72 (4), 399-403.
- Laible, D. (2007). Attachment with parents and peers in late adolescence : Links with emotional competence and social behavior. *Personality and Individual Differences*, 43, 1185-1197.
- Larose, S., Bernier, A., & Tarabulsky, G. M. (2005). Attachment state of mind, learning dispositions, and academic performance during the College transition. *Developmental Psychology*, 41 (1), 281-289.
- Love, K. M., Murdock, T. B. (2004). Attachment to parents and psychological well-being: An examination of young adult College students in intact families and stepfamilies. *Journal of Family Psychology*, 18 (4), 600-608.
- Machado, T. S. (2007). Padrões de vinculação aos pais em adolescentes e jovens adultos e adaptação à Universidade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41 (2), 5-28.
- Machado, T. S., Fonseca, A. C., & Queiroz, E. (2008). Vinculação aos pais e problemas de internalização em adolescentes – dados de um estudo longitudinal. *INFAD Revista de Psicología*, 1, 321-332.
- Machado, T. S., & Oliveira, M. (2007). Vinculação aos pais em adolescentes portugueses: o estudo de Coimbra. *Psicologia e Educação*, VI (1), 97-116.
- Mattanah, J. F., Hancock, G. R., & Brand, B. L. (2004). Parental attachment, separation-individuation, and college student adjustment: A structural equation analysis of mediational effects. *Journal of Counseling Psychology*, 51 (2), 213-225.
- Simões, A. (1992). Ulterior validação de uma escala de satisfação com a vida (SWLS). *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXVI (3), 503-515.
- van Dulmen, M. H. M., & Ong, A. D. (2006). New methodological directions for the study of adolescent competence and adaptation. *Journal of Adolescence*, 29, 851-856.

Fecha de recepción: 28 febrero 2009

Fecha de admisión: 19 marzo 2009

